

## O PRAZER DA RESSURREIÇÃO

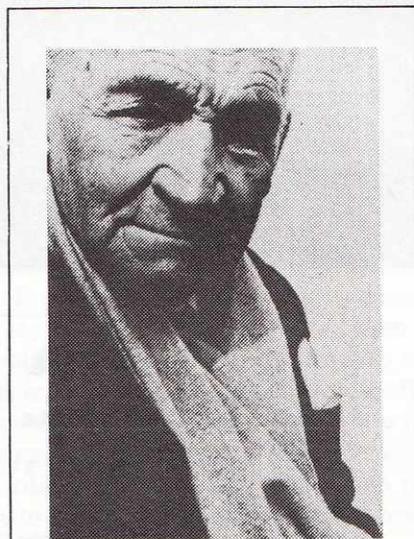
Nestas coisas da *letra de forma*, como em tantas outras, já entreguei os pontos. Mas não ando a chorar pelos cantos a evidente realidade dos noventa, mais aquela meia dúzia, feitos há poucos meses entre «vai e não vai» para o Além.

Todavia um pedido do dr. Jacinto Baptista é caso sério, assim como que uma ordem de capitão ao velho impedido. Trata-se de falar da antiga *Seara Nova*, da qual recebi ultimamente um minguado arremedo. Estava para agradecer o carinho e a gentileza da lembrança, quando tive a agradável visita dos professores da Universidade de Campinas, dr.<sup>a</sup> Maria Lucia Dal Farra e dr. Haquira Osakabe. Eles me trouxeram outra carta de J. B. dando a boa nova da volta da *Seara* e o pedido de duas regras minhas para o primeiro número.

A conversa foi longa e gostosa. Falar da *terra mater* e seus *maus costumes* é sempre assunto para pôr o coração em sobressalto. Mas como? Peçam a resposta a alguns que, à semelhança do pobre de mim, andaram um tempão no exílio por altos ares, longos mares, longínquos continentes, e essa gente chamará a terreiro a saudade. Ouvi-la por meia hora sequer e a História jamais nos sairá da lembrança. Os dois ilustres visitantes ficaram de voltar. Talvez um almocinho portuga com seu bacalhau de forno mais a pinguleta a dizer, tudo amenizará esta novela do velho General, sempre longa e fastienta, como é o esquecimento que já se meteu comigo e levará a melhor, como vocês estão vendo! Memória enfraquecida, os livros que a auxiliavam, estão servindo de ferramenta aos mestrais da minha capital, Mirandela, como de direito. E o arquivo, muito ainda em meu poder, é tal labirinto, que mete medo e põe o mais ousado

de sobreaviso, de correr o risco de perder toda a esperança.

A nossa *Seara Nova* faleceu de morte macaca quando foi posta em almoeda pelos herdeiros do extravagante e ilustre Câmara Reys, homem notável e enciclopédico, mais autêntico analfabeto no que se refere ao «Deve & Haver»! Esbanjava escudos por dá cá aquela palha e, já no plano inclinado, bancou o femeeiro sumidouro de milhões. A mulher, nobre senhora, era rica e tapou muitos dos buracos da camisa de estopa



grossa que tapava as partes gagas do infiel consorte.

As acções da *Seara*, não sei como foi, porém, nunca lhes vi a côr, mas sim da crise financeira que era constante. A mais grave, soube-a pelo telefone aqui no Brasil quanto tive a surpresa da voz da menina da Marconi: «Recebemos agora um telegrama urgente vindo de Lisboa para o senhor Comandante Sarmiento Pimentel. Posso ler o texto?» Pois não. «Socorro. Barco encalhou e ameaça naufragar. Câmara Reys.» Percebi tudo e daqui pela mesma via lhe mandei a âncora salvadora que nessa época conflagrada e guerreira era dinheiro p'ra burro!

Que me lembre, só foi maior aquela maquia que me levou o sr. P. de C. Mas este nem ao menos houve por bem um obrigado ao impiedoso descaminho em que puz com tais liberalidades a valiosa herança paterna.

Câmara Reys, eloquente e sóbrio, disse: «V. foi formidável.» A Pide ficou intrigada com esta enigmática correspondência, mas, pelo sim pelo não, pôs o meu nome fora da revista.

Não sei se na contabilidade da velha *Seara Nova* ficou algum crédito a meu favor ou se levou sumiço por artes de berliques e berloques. Se os compradores ou herdeiros da velha *Seara* encontraram no arquivo ou espólio de Câmara Reys qualquer rascunho que dê validade aos milhares de escudos que aliviaram a ambiente difícil e ameaçador aqui remunerado, podem levá-lo para a gaveta da nova *Seara*, pois o prazer da ressurreição do famoso bastião da Liberdade e da Democracia vale tudo o quanto vier à ribalta luso-brasileira.

Até depois...

25 de Abril de 1985 — São Paulo.